

**SPEC, IP OU DESLOCADO? PRÓS E CONTRAS DAS DUAS
ANÁLISES DOS SUJEITOS PRÉ-VERBAIS**

(Spec, IP or Left-dislocated: Pros and Cons of the Two Analyses of
Preverbal Subjects in European Portuguese)

João COSTA
(Universidade Nova de Lisboa)

ABSTRACT: *The goal of this article is to present some arguments showing that the two available analyses of preverbal subjects in European Portuguese (as movement to Spec, IP or as left-dislocation structures) are not necessarily incompatible. Arguments are put forward showing that the traditional analysis, according to which subjects are moved to Spec, IP, does not raise many problems dealing with simple declarative clauses in unmarked contexts that arise for the alternative analysis.*

KEY-WORDS: *Subject, Preverbal, Postverbal, Spec, IP, A-position, A-bar position, Left-dislocation.*

RESUMO: *O objectivo deste artigo é apresentar argumentos que mostram que as duas análises dos sujeitos pré-verbais em Português Europeu, como movidos para Spec, IP ou deslocados à esquerda, não se excluem necessariamente. São apresentados vários argumentos mostrando que, em frases declarativas simples contextualmente não-marcadas, a análise tradicional, de acordo com a qual os sujeitos são deslocados para Spec, IP, não encontra alguns problemas identificados para a análise alternativa.*

PALAVRAS-CHAVE: *Sujeito, Pré-verbal, Pós-verbal, Spec, IP, Posição-A, Posição-A-barra, Deslocação à esquerda.*

0. Introdução

A posição pré-verbal dos sujeitos em português europeu (PE) tem suscitado algum debate na literatura recente. De acordo com a análise tradicional (Ambar 1992, Duarte 1987, entre outros), o sujeito pré-verbal encontra-se em Spec,IP, tendo sido deslocado da sua posição de base, Spec, VP. Esta análise encontra-se representada em (1):

$$(1) \quad I_{IP} \text{ Suj } V \quad [_{VP} \tau_{\text{Suj}} \tau_v]]$$

Barbosa (1995) propõe que o que caracteriza as línguas românicas de sujeito nulo é o facto de não utilizarem a posição de Spec,IP. Assim, um sujeito pré-verbal numa língua deste tipo estará numa posição de adjunção, sendo gerado na base através de um processo de deslocação à esquerda clítica.

Esta análise encontra-se representada em (2):

$$(2) \quad I_{[ICP} \text{ Suj } I_{[ICP} V \quad [_{VP} \text{ pro } \tau_v \text{ III}]]]$$

Em trabalhos anteriores (Costa 1997, 1998), defendi que apenas a análise tradicional seria necessária para o PE. Neste artigo, tentarei fazer um balanço das duas análises, mostrando que ambas têm vantagens e desvantagens. Defenderei que ambas são necessárias para o PE, embora uma adopção das duas posições seja problemática por não explicar resultados categóricos de testes.

O artigo tem a seguinte estrutura: na secção 2, apresentarei as vantagens e desvantagens da análise que assume que os sujeitos estão em Spec,IP. Na secção 3, são apresentadas as vantagens e desvantagens da análise que assume que os sujeitos são deslocados à esquerda. Na secção 4, serão apresentados alguns argumentos a favor da adopção de ambas as hipóteses para o PE.

1. Sujeito em Spec, IP

Conforme ilustrado na introdução, de acordo com a análise tradicional, o sujeito pré-verbal encontra-se numa posição-A, sendo como tal dis-

tinto dos elementos que se encontram em posição pré-verbal por terem sido deslocados à esquerda. Nesta secção, serão avaliadas as vantagens e desvantagens de considerar que o sujeito ocupa uma posição-A.

1.1. *Vantagens:*

A análise que assume que o sujeito se encontra em Spec,IP explica de uma forma clara os seguintes contrastes:¹

A - *Fronteamento múltiplo*

Quando dois complementos do verbo são antepostos, a ordem entre eles não é fixa. Esta flexibilidade de ordem é ilustrada nos exemplos em (3):

- (3) a. Aos alunos, esses livros, o Paulo deu-lhos ontem..
 b. Esses livros, aos alunos, o Paulo deu-lhos ontem.

Assumindo que o sujeito é deslocado à esquerda, tal como os complementos que se encontram em posição inicial de frase, é esperado que a ordem encontrada entre complemento e sujeito não seja fixa. No entanto, conforme ilustrado em (4), existe um contraste entre uma ordem SOV e uma ordem OSV:

- (4) a. Esse bolo, o Paulo comeu-o.
 b. *O Paulo, esse bolo comeu-o.

Se se assumir que o sujeito pré-verbal está em Spec,IP, espera-se que este não possa ocorrer antes do complemento, dado que a ordem entre dois constituintes não é fixa apenas quando estamos perante dois adjuntos. Assim, quando dois elementos são deslocados à esquerda, encontrando-se em adição à frase, espera-se que a ordem entre estes não seja fixa. Estando o sujeito numa posição de Spec,IP, não sendo assim um adjunto à frase,

¹ Alguns destes argumentos são retirados de Costa (1998). Não considero alguns dos argumentos aí apresentados, por não estar seguro relativamente aos dados. Agradeço a Pilar Barbosa a discussão dos dados relativos a ligação apresentados em Costa (1998).

a ordem entre um complemento deslocado à esquerda e o sujeito deve ser a encontrada em (4a).²

B - QPs negativos sem acento forte

Outro argumento a favor da análise segundo a qual os sujeitos pré-verbais se encontram em Spec,IP vem do facto de ser possível encontrar QPs negativos em posição inicial de frase à esquerda de um advérbio, como em (5):

- (5) Ninguém provavelmente leu esse livro.

Esta ordem de palavras é impossível em italiano. Belletti (1990) mostra que um QP negativo só pode ocorrer antes de um advérbio frásico se receber um acento forte. Belletti (1990) defende que as ordens Suj-Adv-V são casos de deslocação à esquerda do sujeito. Dado que palavras negativas não podem ser deslocadas à esquerda, espera-se que estas só possam ocorrer naquela ordem de palavras se forem focalizadas:

- (6) NESSUNO/*Nessuno probabilmente ha sbagliato.

O facto de, em português europeu, não existir um contraste semelhante ao do italiano pode indicar que o sujeito pré-verbal não é necessariamente deslocado à esquerda. Em Costa (1996), analisei a ordem de palavras em (5) como um argumento a favor da ideia de que o verbo em PE não é movido até ao núcleo funcional mais alto.

C - Não se verificam efeitos de minimalidade

Em contextos subordinados, nos quais a posição do sujeito não difere da que é assumida para frases raiz em ambas as análises, movimento-wh

² Um revisor do texto sugere que a existência deste contraste também é problemática para uma análise que assume que o sujeito pode ser deslocado à esquerda a partir de Spec,IP. Este problema levanta-se perante a conclusão a que chegaremos no final de que as duas análises não se excluem. Contudo, como sugerido mais adiante, proponho que o sujeito possa ser deslocado à esquerda em contextos específicos, pelo que, não se verificando as condições discursivas que viabilizam a deslocação à esquerda do sujeito, seja esperado que este contraste se verifique, o qual é explicado de uma forma natural pela análise tradicional dos sujeitos pré-verbais.

não força o movimento de verbo para C. Assim, é possível a adjacência entre o constituinte-wh e o sujeito, como em (7a). Assumindo que o sujeito é deslocado à esquerda, é predito que o constituinte-wh pode ser seguido de um outro constituinte deslocado à esquerda. No entanto, tal não é possível, conforme atestado em (7b):

- (7) a. Perguntei que livro o Pedro leu.
 b. *Perguntei que livro, à Maria, lhe deram.

É importante notar que parece haver variação relativamente aos juízos de gramaticalidade relativos a estas frases. Para alguns falantes, são possíveis frases como (7b), mas sem redobro pronominal.³ De qualquer forma, dado que existem falantes para quem o contraste existe, este só pode ser explicado assumindo-se que o estatuto do sujeito e o estatuto dos constituintes deslocados são diferentes. Uma forma de explicar o contraste é assumir que o movimento-wh para a esquerda de um constituinte deslocado à esquerda gera um problema de minimalidade. Estando o sujeito pré-verbal em Spec,IP, espera-se que não haja problema de minimalidade, dado que Spec,IP é uma posição-A.

D - Reconstrução

Como se sabe, movimento-A-barra reconstrói, o que não acontece com movimento-A. Se se assumir que o sujeito pré-verbal está em Spec,IP, espera-se que não haja reconstrução do sujeito, mas que possa haver reconstrução de um complemento deslocado à esquerda. Com efeito, o sujeito pré-verbal em (8a) não pode reconstruir, tomando escopo obrigatório sobre o agente da passiva. Na frase (8b), o complemento pode reconstruir, sendo obtrida ambiguidade de escopo:

- (8) a. Três livros foram lidos por dois estudantes. S > Ag; *Ag > S
 b. Três livros, dois estudantes leram-nos. S > O; O > S

³ Duarte (1996) refere que em contextos subordinados, o dialecto que admite anteposição de constituintes só o permite se o constituinte anteposto não for redobrado por um clítico, o que dificulta uma análise de sujeitos pré-verbais como casos de deslocação à esquerda clítica mesmo nos dialectos que permitem anteposição de constituintes em interrogativas indirectas, que provavelmente devem ser analisados como casos de topicalização subordinada.

O facto de haver ambiguidade com o objecto, mas não com o sujeito, parece mostrar que as posições ocupadas por estes são diferentes.⁴

E - Ordem não-marcada é SVO, relação com discurso

Quando se olha para contextos em que toda a frase é focalizada, como em respostas à pergunta *O que é que aconteceu?*, é possível observar que a ordem emergente é a ordem SVO:

- (9) A: O que é que aconteceu?
 B: a. O Pedro partiu o braço.
 b. #Partiu o Pedro o braço.
 c. #O braço, o Pedro partiu-o.

O facto de esta ordem de palavras ser emergente é problemática por duas razões. Por um lado, é possível observar que a deslocação à esquerda não é possível neste contexto (9c), sendo portanto difícil explicar por que motivo poderia o sujeito ser deslocado à esquerda se os outros elementos não o podem; por outro lado, ainda que se admitisse que, em circunstâncias especiais, o sujeito poderia ser deslocado à esquerda, esperar-se-ia que este pudesse ocorrer na sua posição de base, o que não acontece, conforme ilustrado em (9b).

Note-se que não é possível argumentar que a impossibilidade de (9b) tem a ver com o carácter exaustivo do sujeito em estruturas de inversão

⁴ Note-se que este caso é diferente de casos como os discutidos no trabalho de Barbosa, apresentados em (i):

- (i) a. Cresceu uma flor em todos os vasos.
 b. ???Uma flor cresceu em todos os vasos.

Barbosa (2000) apresenta este contraste como um argumento a favor da sua hipótese, uma vez que não existe *a priori* qualquer motivo para considerar que Spec,IP possa ser incompatível com uma leitura de escopo largo do sujeito. Parece-me, no entanto, que contrastes como em (i) apenas mostram que havendo duas posições para o sujeito (independentemente do seu estatuto como posição-A ou A-barra), estas podem ser usadas em contextos diferentes (cf. Costa 1998). Por outras palavras, o contraste em (i) não fornece evidência a favor de qualquer uma das hipóteses relativamente à posição dos sujeitos pré-verbais.

(Costa 2000), uma vez que, com verbos mono-argumentais não-inacusativos, o padrão é o mesmo:⁵

- (10) O que é que aconteceu?
- a. O João espirrou.
 - b. #Espirrou o João.
- a. O João viajou.
 - b. #Viajou o João.

Mais uma vez, o padrão predito na análise de acordo com a qual o sujeito se encontra em Spec,IP é o encontrado. Esperar-se-ia a inversão se a única posição-A do sujeito fosse Spec,VP. Independentemente das interpretações adicionais que se possam encontrar para as várias posições de sujeito, associadas a exaustividade ou diferentes relações de escopo, esperar-se-ia sempre encontrar num contexto não-marcado o sujeito a ocupar a sua posição-A, de forma semelhante ao que acontece com outros argumentos do verbo, que não ocupam tipicamente posições A-barra em contexto de frase focalizada.

F - *Movimento limitado do sujeito*

O argumento a seguir apresentado é a tradicional oposição entre movimento do sujeito e movimento-A-barra. Movimento do sujeito é limitado, não atravessando mais do que uma oração, conforme ilustrado em (11):

- (11) a. A Maria foi assassinada.
 b. *A Maria(.) foi dito/dita que foi assassinada.⁶

⁵ Por algum motivo, o verbo *telefonar* parece poder legitimar inversão em contexto não-marcado:

- (i) O que é que aconteceu?
- a. O João telefonou.
 - b. Telefonou o João.

Este é o padrão encontrado para inacusativos (Costa 1999). Com intransitivos simples que não legitimam complementos indirectos, a inversão não é possível (cf. 10).

⁶ Um revisor deste trabalho sugere que o participio no feminino não seria esperado uma vez que os adjuntos não desencadeiam concordância. Seja qual for o mecanismo que desencadeia concordância em (11a) e, assumindo que deslocção à esquerda clítica não é local, poder-se-ia supor que a frase (11b) com concordância poderia ser gerada.

O contraste obtido em (11) não é reproduzido na frase (12), na qual o objecto directo é deslocado à esquerda:

- (12) a. Esse bolo, comi-o.
b. Esse bolo, disseram que o comi.

Mais uma vez, este tipo de contraste pode ser explicado facilmente assumindo-se que o sujeito pré-verbal se encontra em Spec,IP, sendo a natureza do movimento para esta posição diferente do tipo de representação gerada quando há deslocação à esquerda clítica.

G - Construções de elevação

No seu trabalho, Barbosa refere que alguns casos de sujeito pré-verbal só podem ser analisados como casos de deslocação à esquerda clítica do sujeito. Por exemplo, frases como (13) devem envolver deslocação à esquerda do sujeito e não movimento para Spec,IP, caso contrário estaríamos perante um caso de super-elevação do sujeito:

- (13) a. O homem parece que viu um monstro.
b. O João parece que está parvo.

Corroborando este tipo de análise o facto de haver efeitos de definitude neste tipo de construções. Se o sujeito pré-verbal for indefinido, esta construção torna-se mais difícil:

- (14) a. *Umas meninas parece que estão doentes.
b. *Baleias parece que comem peixe.

Esta restrição de definitude é esperada, uma vez que é mais fácil obter deslocação à esquerda clítica com definidos do que indefinidos.⁷ Aqui, torna-se crucial a comparação com casos que não são necessariamente analisados como envolvendo deslocação à esquerda clítica do sujeito. Quando olhamos para ordens SVO, como em (15), é possível observar que esta restrição de definitude não se aplica:

⁷ Aparentemente, o Português Brasileiro permite construções de super-elevação com sujeitos indefinidos e expléticos (ver Ferreira 2000).

- (15) a. O homem foi assassinado.
a'. Um homem foi assassinado.
b. As meninas estão doentes.
b'. Umás meninas estão doentes.
c. As baleias comem peixe.
c'. Baleias comem peixe.

Assumindo que o sujeito pré-verbal está em Spec,IP nas frases (15), espera-se que os contrastes de definitude associados à construção de deslocção à esquerda clítica não surjam em todos os casos.

H - Concordância obrigatória em contextos inacusativos (Costa 1999)

Quando existe inversão sujeito-verbo em contextos inacusativos, a concordância verbal é opcional no português europeu coloquial (Costa 1999), conforme ilustrado em (16):

- (16) a. Chegaram três pessoas.
b. Chegou três pessoas.

Quando o sujeito é pré-verbal, a concordância é obrigatória:

- (17) a. Três pessoas chegaram.
b. *Três pessoas chegou.

Este padrão é o esperado, assumindo-se que o sujeito pré-verbal se encontra em Spec,IP. Sendo esta a posição associada com caso nominativo e assumindo que, pelo menos em PE, a concordância plena serve como diagnóstico para saber se há atribuição de caso nominativo, espera-se que haja concordância plena quando o sujeito é deslocado para a posição onde recebe caso. Se o sujeito pré-verbal fosse deslocado à esquerda, o padrão de concordância deveria ser o mesmo em ambas as posições, dado que não é possível assumir que a construção de deslocção à esquerda clítica implica mudanças no padrão de concordância verbal.

I - Redobro com pronome contextualmente limitado
(Costa 2000)

Como veremos na secção 3, existem línguas românicas de sujeito nulo em que o redobro de um DP em posição pré-verbal por um pronome é obrigatória. Barbosa (1995) defende que esse comportamento é o esperado em línguas em que o DP pré-verbal é deslocado à esquerda. Em PE, embora o redobro do sujeito por um pronome não seja obrigatório, é possível. Por exemplo, em resposta a interrogativas múltiplas, o redobro do DP sujeito pelo pronome é opcionalmente aceitável (Costa 2000):

(18) A: Quem leu o quê?

B: a. O João, ele leu o livro.

b. O João leu o livro.

Existem, contudo, contextos em que o redobro do DP por um pronome é agramatical. Por exemplo, em contextos em que toda a frase é focalizada, o redobro do sujeito por um pronome é bas tante marginal:

(19) A: O que é que aconteceu?

B: a. O João leu o livro.

b. ??*O João, ele leu o livro.

A análise que assume que o sujeito pré-verbal está sempre deslocado à esquerda prediz que o redobro pelo pronome deverá ser sempre possível, em analogia com o que acontece nas línguas em que o redobro pelo pronome é obrigatório e independente de contexto.⁸

J - Posição do sujeito em condicionais sem complementador
(Costa e Galves, em prep.)

Em orações subordinadas condicionais sem complementador, ocorre inversão sujeito-verbo em PE, tal como noutras línguas. Este tipo de inversão é tradicionalmente analisado como um caso de movimento do verbo para C. Conforme ilustrado em (20), neste tipo de frases o sujeito ocor-

⁸ Como acontece em Trentino, de acordo com Barbosa (1995). Cf. exemplo (31).

re imediatamente a seguir ao verbo flexionado, não podendo ocorrer em posição inicial de frase:

- (20) a. Tivesse o João ido ao Brasil...
 b. *O João tivesse ido ao Brasil...

Estando o sujeito em Spec,IP, a ordem de palavras em (20a) é a predi-
 ta, uma vez que o movimento do verbo de I para C atravessará a posição
 do sujeito. Se o sujeito estivesse deslocado à esquerda, esperar-se-ia encon-
 trar a ordem de palavras em (20b), uma vez que o sujeito estaria adjungido
 à esquerda de CP, surgindo assim antes da posição de C, que se encontra
 ocupada pelo verbo.

K - Redobro do pronome pré- e pós-verbal

Voltando aos casos em que o sujeito pré-verbal é redobrado por um
 pronome, observe-se que, conforme ilustrado em (21), o redobro pode ser
 feito por um pronome que se encontra quer em posição pré-verbal, quer
 em posição pós-verbal, sendo inclusive possível o redobro pronominal de
 um pronome forte em posição inicial:

- (21) a. O João, leu ele o livro.
 b. O João, ele leu o livro.
 c. Ele...leu ele o livro.
 d. Ele...ele leu o livro.

Se a colocação pós-verbal do pronome não levanta problemas para a
 análise que pressupõe que o sujeito pré-verbal se encontra deslocado à
 esquerda, já as frases (21b) e (21d) são problemáticas, uma vez que impli-
 cam assumir que existe deslocação à esquerda de dois sujeitos. Note-se que
 não há problema em ter deslocação à esquerda do mesmo elemento, como
 em (22), em que o DP é redobrado pelo pronome forte *a ele*, que se encon-
 tra ele próprio deslocado à esquerda, e pelo clítico:

- (22) O João, a ele, vi-o no cinema.

Contudo, se o clítico pode ocorrer, espera-se que quando co-ocorrem
 em posição pré-verbal o DP e o pronome *ele*, seja possível encontrar redo-

bro pelo pronome em posição pós-verbal correspondente ao clítico de (22). No entanto, esta predição é infirmada:

(23) O João, ele leu (*ele) o livro.

Assumindo-se que o pronome pré-verbal se encontra em Spec,IP, espera-se que não seja possível encontrar outro sujeito numa posição mais baixa, dado que o sujeito que se encontra em Spec,IP terá sido deslocado de Spec,VP.

1.2. *Desvantagens*

A análise que propõe que os sujeitos estão em Spec,IP não está isenta de problemas. Nesta secção, apresentarei alguns desses problemas:

A - Duas posições-A para o sujeito

Uma vez que o sujeito pode ocorrer em Spec,IP, quer em Spec,VP, de acordo com a análise defendida em Costa (1997, 1998), é predito que existem duas posições-A para o sujeito, conforme ilustrado em (24):

(24) I_{IP} SUJ I_{VP} SUJ...I]

A assunção de que existem duas posições-A pode ser problemática para alguns modelos teóricos nos quais, não sendo admitida a existência de categorias de tipo Agr, o sujeito é excepcional por ser o único argumento associado a duas posições-A.

B - Opcionalidade do movimento-A

Um problema relacionado com o das duas posições-A para o sujeito é o facto de ser necessário assumir que o movimento-A do sujeito é opcional, mesmo que condicionado por razões discursivas:

- (25) a. O João leu o livro.
b. Leu o João o livro.

Esta opcionalidade é problemática no modelo minimalista, em que o movimento-A é condicionado pela força de traços formais, que são fortes, forçando movimento visível, ou fracos, proibindo o movimento visível, não sendo consensual que a força dos traços possa variar numa mesma língua.⁹

C - Predições sobre línguas de sujeito nulo

Na análise de Barbosa (1995), é assumido que as línguas de sujeito nulo são línguas em que a única posição-A disponível para o sujeito é Spec,VP. Assim, prediz-se que exista uma correlação entre a posição pré-verbal do sujeito deslocado à esquerda e a possibilidade de existência de sujeitos nulos. De acordo com esta hipótese, uma língua de sujeito nulo nunca projecta Spec,IP. A análise segundo a qual o sujeito pré-verbal em PE está em Spec,IP não estabelece qualquer relação com a existência de sujeitos nulos. Uma língua de sujeito nulo poderá ter sujeitos em Spec,IP, não sendo diferente de uma língua como o inglês ou o francês, que não admite sujeitos nulos. Assim, nesta análise, não é feita qualquer predição relativamente ao estatuto dos sujeitos pré-verbais e a possibilidade de serem nulos.

D - Casos de deslocação à esquerda do sujeito

Barbosa (2000) e Costa (2000) apresentam algumas construções que aparentemente necessitam de ser analisadas como casos de deslocação à esquerda do sujeito. Essas construções, ilustradas em (26) e (27), envolvem casos de aparente super-elevação do sujeito, sujeitos antes de complementadores, redobro do sujeito por um pronome e contextos de resposta a interrogativas múltiplas com ordem SVO:

- (26) a. Os meninos parece que foram atropelados.
 b. O Pedro quase que foi atropelado.
 c. O Pedro...ele foi atropelado.

(27) A: Quem leu o quê?

B: O João...leu o livro.

⁹ Em Costa (1998), o problema das duas posições-A para o sujeito e do movimento opcional é resolvido recorrendo aos instrumentos teóricos da Teoria da Optimidade.

Estas construções são casos em que o sujeito pré-verbal tem de ser analisado como deslocado à esquerda.¹⁰ Nestes casos, não pode ser defendido que o sujeito se encontra em Spec,IP. A existência deste tipo de construções mostra que a análise que defende que o sujeito se encontra em Spec,IP não dispensa a análise dos sujeitos pré-verbais em termos de deslocação à esquerda do sujeito.

Note-se, contudo, que o facto de ser necessário assumir que a deslocação à esquerda do sujeito é uma análise necessária para alguns dados não obriga a que esta seja a única análise possível. É legítimo assumir que, tal como outros constituintes da frase, os sujeitos poderão ocupar posições internas a IP ou de deslocação à esquerda.

2. Sujeito deslocado à esquerda

Consideremos agora a análise proposta por Barbosa (1995), segundo a qual o sujeito pré-verbal em PE e em todas as línguas românicas de sujeito nulo se encontra deslocado à esquerda, conforme representado em (28):

$$(28) \text{I}_{\text{ICP}} \text{Suj } \text{I}_{\text{IP}} \text{V } \text{I}_{\text{VP}} \text{pro } \tau, \text{III}$$

Nesta secção, apresentarei alguns dos argumentos a favor desta análise. Tal como fiz para a análise anterior, apresentarei também alguns problemas.

2.1. *Vantagens:*

A análise proposta por Barbosa (1995), que assume que os sujeitos pré-verbais nas línguas românicas de sujeito nulo são deslocados à esquerda apresenta várias vantagens, ilustradas pela autora para várias línguas de sujeito nulo. Vejamos alguns dos aspectos positivos desta análise:

¹⁰ O caso (26b) é o único que pode eventualmente ser analisado de acordo com a análise tradicional, uma vez que a expressão *gmaie qie* não está a marcar necessariamente a fronteira de IP, conforme as colocações mais baixas na estrutura ilustradas em (i) mostram:

- (i) a. O João foi quase que atropelado por dois camiões.
- b. O João foi insultado quase que por todos os alunos.

A - Relação com parâmetro do sujeito nulo e...

B - Problema das duas posições-A para o sujeito

Na secção anterior, mostrei que a análise tradicional, que defende que o sujeito pré-verbal se encontra em Spec,IP, se debate com dois problemas de natureza teórica. Por um lado, não permite estabelecer qualquer relação com o parâmetro do sujeito nulo. Por outro lado, prediz que existem duas posições argumentais para o sujeito, criando um eventual problema de opcionalidade na gramática.

Estes problemas não são colocados pela análise de Barbosa, que propõe uma generalização como a que é apresentada em (29):

(29) Línguas de sujeito nulo não têm posição-A para o sujeito no domínio funcional.

De acordo com (29), a única posição-A para o sujeito em línguas de sujeito nulo é a de Spec,VP, sendo esta a característica que distingue estas línguas das que não são de sujeito nulo. Existindo apenas uma posição-A, o problema da opcionalidade não se levanta.

C - Ordens VSO em contexto de frase focalizada nalgumas línguas de sujeito nulo

Vimos na secção anterior que em contextos não-marcados, em que a frase é focalizada, a ordem emergente em PE é SVO, sendo esta a ordem predita pela análise de acordo com a qual o sujeito se encontra em Spec,IP. Há, contudo, outras línguas, de acordo com as análises propostas por vários autores, em que, no mesmo contexto, a ordem encontrada pode ser VSO. Tal acontece em Grego e nalgumas variedades do espanhol, conforme ilustrado em (30):

(30) A: O que aconteceu?

Grego (*Alexiadou e Anagnostopoulou 1995*):

B: Pandrefrike o Petros tin Elektra.

Casou o Petros a Elektra

Espanhol (*Ordóñez 1995*):

B: Comió Pedro una manzana.

comeu Pedro uma maçã

Esta ordem de palavras é a predita pela análise de Barbosa (1995). Assumindo que o sujeito pré-verbal nestas línguas se encontra deslocado à esquerda, espera-se que, num contexto em que o sujeito seja focalizado, ele não possa ser deslocado à esquerda ou, pelo menos, que não seja obrigatoriamente deslocado à esquerda, originando uma ordem VSO. Embora estes dados de outras línguas não sejam relevantes para a discussão do estatuto do sujeito pré-verbal em português europeu, mostram que a análise de Barbosa faz predições correctas para outras línguas.

D - Redobro por clítico obrigatório em Trentino

Na secção anterior, vimos o que acontece em termos de redobro do sujeito por um pronome em PE, sugerindo que o redobro do sujeito por um pronome é predito pela análise que envolve deslocação à esquerda do sujeito.

Há línguas que favorecem esta análise. Por exemplo, o Trentino, referido em Barbosa (1995), é uma língua com clíticos sujeito que ocorrem obrigatoriamente junto ao verbo quando o sujeito é pré-verbal:

(31) *Trentino:*

El Mario *(el) parla.

O Mario ele fala

Esta obrigatoriedade do clítico é predita pela análise que propõe que o sujeito pré-verbal é deslocado à esquerda, na medida em que clíticos objecto também são obrigatórios na construção de deslocação à esquerda clítica no mesmo grupo de línguas.

E - Efeitos de minimalidade em interrogativas em grego e noutras línguas de sujeito nulo

Tal como predito pela hipótese de Barbosa (1995), nalgumas línguas de sujeito nulo, como por exemplo o grego moderno, o movimento de um constituinte-wh para a esquerda de um sujeito é impossível, o que, de acordo com Alexiadou e Anagnostopoulou (1995), pode indiciar que exis-

te um problema de minimalidade. Este comportamento é ilustrado para o grego em (32):¹¹

(32) *Grego (Alexiadon e Anagnostopoulou 1995):*

- a. *Pjon o Petros idé?
 quem_{ACUS} o Petros_{NOM} viu
 b. Pjon ide o Petros?
 quem_{ACUS} viu o Petros_{NOM}

Estando o sujeito deslocado à esquerda, numa posição A-barra, é esperado que não exista um problema de minimalidade quando se tenta fazer o movimento A-barra do objecto para a esquerda do sujeito. A solução encontrada nesta língua consiste em manter o sujeito em Spec,VP, como em (32b).

F - *Próclise e ênclise em PE (Barbosa 2000)*

De acordo com Barbosa (2000), a análise dos sujeitos pré-verbais enquanto elementos deslocados à esquerda oferece uma explicação para o padrão de colocação de clíticos em PE. Barbosa (2000) argumenta que os elementos que desencadeiam ênclise em PE são os mesmos que podem ser deslocados à esquerda. De acordo com a autora, existe em PE um filtro prosódico que proíbe os clíticos de serem os elementos iniciais de um Intonational Phrase:

(33) * I_{INTP} cl...

Assumindo um mecanismo de interface com a fonologia em que qualquer IP ou CP é mapeado num IntP, Barbosa prediz que o clítico nunca é proclítico em contextos em que se encontra em posição inicial de frase ou precedido por um sujeito definido, que, de acordo com a sua análise, se encontra numa posição externa a IP.

Apesar de haver alguma controvérsia relativamente à análise adequada para a próclise e ênclise e relativamente ao mapeamento sintaxe-prosódia (Frota 1999), cabe-me enfatizar que esta proposta é coerente com a análise

¹¹ Nem todos os *sintagmas-wh* exibem este comportamento (cf. Barbosa 2000a e referências).

proposta para os sujeitos enquanto elementos deslocados à esquerda. Se o filtro prosódico for adequado, a análise tradicional nada tem a dizer sobre o padrão de colocação dos clíticos.

*G - Casos que só podem ser analisados em termos de deslocação à esquerda do sujeito*¹²

Como notámos na secção anterior, há casos como os ilustrados em (34) que são facilmente analisáveis de acordo com a análise de Barbosa (1995):¹³

- (34) a. O Pedro parece que foi atropelado.
 b. O Pedro quase que foi atropelado.
 c. O Pedro...etc foi atropelado.

Embora, como foi dito anteriormente, estes casos mostrem apenas que o sujeito pode ser deslocado, não forçando uma análise que diga que todos os sujeitos pré-verbais têm de ser deslocados, é importante notar que a análise de Barbosa (1995) deriva estes casos sem qualquer estipulação adicional.

2.2. Desvantagens

Na secção 2.1., foram apresentadas algumas vantagens da análise tradicional. Em muitos casos, fez-se a comparação com a proposta segundo a qual o sujeito se encontra deslocado à esquerda. Obviamente, os aspectos discutidos nessa secção que são mais facilmente explicáveis de acordo com a análise tradicional constituem problemas para a proposta segundo a qual os sujeitos pré-verbais se encontram deslocados à esquerda. Em síntese, os problemas apresentados envolviam:

- (35) Fronteamento múltiplo (cf. 2.1.A)
 QPs negativos sem acento forte (cf. 2.1.B)
 Ausência de efeitos de minimalidade (cf. 2.1.C)

¹² Apesar de redundante com a secção 2.2.D, mantenho estes dados aqui por uma questão de organização dos argumentos.

¹³ Ver fn. 10 para comentário sobre (34b).

- Reconstrução (cf. 2.1.D)
- Ordem não-marcada SVO (cf. 2.1.E)
- Movimento limitado do sujeito (cf. 2.1.F)
- Construções de elevação (cf. 2.1.G)
- Concordância obrigatória em contextos inacusativos (cf. 2.1.H)
- Redobro com pronome contextualmente limitado (cf. 2.1.I)
- Posição do sujeito em condicionais sem complementador (cf. 2.1.J)
- Redobro do pronome pré- e pós-verbal (cf. 2.1.K)

3. As duas análises não se excluem

Em Costa (1998, 2000), defendi que as duas análises em comparação neste artigo não se excluem necessariamente. Como já ficou claro na discussão de casos como os apresentados em (34), nalguns contextos, é necessário assumir que o sujeito se encontra de facto deslocado à esquerda. Por outro lado, uma análise de algumas línguas de sujeito nulo revela que a análise em termos de deslocação à esquerda do sujeito pré-verbal é vantajosa, como foi discutido na secção 3.1.

Assim, parece-me legítimo considerar uma hipótese segundo a qual as duas análises são necessárias para dar conta de factos diferentes:

- a) Em Costa (1998), defendi que se pode defender que os sujeitos pré-verbais em PE estão em Spec,IP, enquanto os sujeitos pré-verbais de línguas como o trentino, o grego moderno ou algumas variedades do espanhol se encontram deslocados à esquerda. A diferente posição dos sujeitos pré-verbais poderia explicar o facto de estas línguas, ao contrário do PE, admitirem a ordem VSO em contextos não marcados, em que toda a frase é focalizada.
- b) Em Costa (2000), defendi que os sujeitos pré-verbais em respostra a interrogativas múltiplas podem provavelmente ser analisados em termos de deslocação à esquerda do sujeito. Assumindo esta hipótese, é necessário assumir que as duas análises sobre sujeitos pré-verbais são necessárias mesmo dentro do PE.

Assumir que as duas análises não se excluem e que podem ser utilizadas para explicar diferentes propriedades de sujeitos pré-verbais em várias línguas de sujeito nulo ou mesmo dentro da mesma língua permite, como

referi acima, explicar o comportamento diferente dos sujeitos pré-verbais em várias línguas de sujeito nulo, pode eventualmente explicar diferenças entre PE e PB (Costa e Galves, em prep.) e pode ainda explicar a diferença entre ordens VSO e SVO em resposta a interrogativas múltiplas (Costa 2000).

Contudo, a combinação das duas hipóteses não se encontra isenta de problemas. Por um lado, todas as diferenças categóricas apresentadas acima ficam por explicar. Considere-se, por exemplo, o caso das condicionais sem complementador. Assumindo que o sujeito pode estar ou em Spec,IP ou deslocado à esquerda, esperar-se-ia encontrar como possíveis as ordens VS ou SV. No entanto, apenas aquela é gramatical em PE. Por outro lado, assumir que em PE o sujeito se encontra em Spec,IP enquanto noutras línguas de sujeito nulo se encontra deslocado à esquerda obriga a que não haja qualquer relação entre a posição do sujeito pré-verbal e o parâmetro do sujeito nulo ou a posição dos clíticos, duas das vantagens de se assumir apenas a análise de Barbosa (1995).

4. Conclusão

Procurei mostrar neste artigo que quer a análise tradicional, segundo a qual os sujeitos pré-verbais em línguas de sujeito nulo estão em Spec,IP, quer a análise que propõe que se encontram deslocados à esquerda apresentam vantagens e problemas. Defendi que ambas são necessárias, não sendo necessariamente vistas como contraditórias. Apontei finalmente que não são resolvidos casos em que apenas uma das análises pode estar correcta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALEXIADOU, Artemis and Elena ANAGNOSTOPOULOU (1995) SVO and EPP in Null Subject Languages and Germanic. *FAS Papers in Linguistics*, Potsdam
- AMBAR, Manuela (1999) The syntax of focus in Portuguese: a unified approach. In: G. REBUSCHI e L. TELLIER (eds.) *The Grammar of Focus*. Amsterdam: John Benjamins.

- BARBOSA, Pilar (1995) *Null Subjects*. Doctoral Dissertation, MIT.
- ____ (1996) A New Look at the Null Subject Parameter. In: João Costa et alii (eds.) *Proceedings of ConSOLE 3*, Leiden University.
- ____ (1998) no prelo. 'On Inversion in Wh-questions in Romance'. In: A. HULK e J.-Y. POLLOCK (orgs.) *Romance Inversion*. New York: Oxford Press.
- ____ (2000) 'Clitics: a Window into the Null Subject Property'. In: João Costa (org.) *Portuguese Syntax*. New York: Oxford University Press.
- ____ (2000a) *A posição do sujeito nas línguas de sujeito nulo*. Comunicação apresentada na Universidade de Campinas, Setembro.
- COSTA, João (1997) Positions for Subjects in European Portuguese. *Proceedings of West Coast Conference on Formal Linguistics*. CSL, Stanford.
- ____ (1998) *Word Order Variation. A constraint-based approach*. Doctoral dissertation. HIL/Leiden University.
- ____ (1999) Postverbal subjects and agreement in unaccusative contexts in European Portuguese (to appear in *The Linguistic Review*).
- ____ (2000) *SVO vs. VSO in multiple-focus context*. ms, Universidade Nova de Lisboa.
- COSTA, João e Charlotte GALVES. em preparação. *Peripheral subjects in two varieties of Portuguese: evidence for a non-unified approach*. ms, Universidade de Nova de Lisboa e UNICAMP.
- DUARTE, Inês (1987) *A construção de topicalização em português europeu*. Dissertação de doutoramento, Universidade de Lisboa.
- FERREIRA, Marcelo Barra (2000) *Argumentos nulos em português brasileiro*. Dissertação de Mestrado, UNICAMP.
- FROTA, Sónia (1999) *Prosody and Focus in European Portuguese*. Dissertação de doutoramento, Universidade de Lisboa.
- ORDÓÑEZ, Francisco and Esthela TREVINO (1995) Los sujetos y objetos preverbales en español. Paper presented at the 5th Colloquium on Generative Grammar, Coruña, Spain.
- ORDÓÑEZ, Francisco (1997) *Word Order and Clause Structure in Spanish and other Romance languages*. Doctoral dissertation, CUNY.